

TDAH, O DESAFIO DA INCLUSÃO

CINIELLO, Evelise de J.K
DIVANALMI FERREIRA MAIA
CASSIO HARTMANN
GILDASIO JOSÉ DOS SANTOS
ÁLVARO LUIS PESSOA E FARIAS

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo demonstrar a necessidade de intervenção e os recursos pedagógicos importantes à aprendizagem do aluno com TDAH. O professor e toda a escola são responsáveis pela transmissão do conteúdo sistematizado, então devemos considerar que uma boa escola é onde o aluno aprende. Mas, a degradação histórica que a escola vem sofrendo faz com que sejam inúmeros os aspectos que merecem ser transformados para que ela alcance patamares mínimos de qualidade. Por tanto, lançar um olhar para a escola e para a qualidade do trabalho que nela vem sendo desenvolvido é um desafio que se faz urgente.

Desvalorizada na sua essência, a escola pública sofre com salas de aula superlotadas dificultando o trabalho dos professores com alunos com TDAH, pois esses são alunos que necessitam um acompanhamento individualizado, com um currículo adaptado e uma avaliação diferenciada.

Após uma pesquisa realizada com o corpo docente, a maior dificuldade sentida por eles era adaptar o currículo e realizar avaliações diferenciadas para os alunos com TDAH.

Este artigo é resultado de uma capacitação realizada para professores do ensino fundamental e médio visando solucionar os problemas mais pertinentes para uma boa mudança na prática pedagógica do professor, auxiliando-o a criar avaliações lúdicas, orais, verbais ou escritas, práticas com gravuras e usar melhor os ambientes reais da escola.

Entendo que o professor tem a obrigação de respeitar e auxiliar o aluno em suas limitações, fazendo ir em busca de conquistas do saber e deve estimulá-los a crescer pedagogicamente, para alcançar este objetivo, o professor pode atrelar a teoria a prática, usando de atividades que agradem o aluno e lhe proporcione prazer em realizá-la.

As Diretrizes Curriculares da Educação Especial (2006) deixa claro,

[...] consideram-se alunos com necessidades educacionais especiais os que, no processo educacional, apresentarem dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações para acompanhar as atividades curriculares (não vinculadas a uma causa específica, ou relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências); condições de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando uso de linguagens e códigos aplicáveis e altas habilidades ou superdotação. (PARANÁ, 2006, p.28),

INCLUSÃO NA ESCOLA

A Sociedade espera que a escola seja um espaço democratizador e socializador do saber, e, junto com a família, seja apoio e sustentação ao ser humano.

Responsável pela transmissão do conteúdo sistematizado, principalmente às classes populares, então devemos considerar que uma boa escola é onde o aluno aprende. Mas, a

degradação histórica que a escola vem sofrendo faz com que sejam inúmeros os aspectos que merecem ser transformados para que ela alcance patamares mínimos de qualidade. Por tanto, lançar um olhar para a escola e para a qualidade do trabalho que nela vem sendo desenvolvido é um desafio que se faz urgente.

Desvalorizada na sua essência, a escola pública sofre com salas de aula superlotadas, espaço físico insuficiente e até, muitas vezes, inadequados à demanda, pouco material didático, má formação dos professores, entre outros problemas que acabam afetando diretamente a qualidade do ensino. E, além de conviver com tais problemas, que acabam fazendo parte da sua rotina diária, a escola vê-se em meio ao desafio da inclusão. Crianças e adolescentes com TDAH passam a compor o seu quadro de alunos.

A Constituição Federal (1988) consagra a educação como um direito social, sem que haja obstáculos de raça, credo, sexo, ou qualquer outra diferença, determinando que a educação seja direito de todos, e, deixando bem claro que, todos devem ter atendimento educacional preferencialmente na rede pública de ensino.

Ao pensar em inclusão, não devemos nos limitar apenas às deficiências físicas, pois a classe de excluídos vai muito além abrangendo alunos com algum tipo de doença ou impossibilidades, em grupo de risco, alunos nômades, diferentes etnias, gênero, alunos tímidos, com diferentes níveis cognitivos, entre outros.

Quando falamos em inclusão devemos entender que os sujeitos são plurais e que essa pluralidade deve ser valorizada e aceita em suas singularidades. Devemos rejeitar os rótulos que enquadram os sujeitos classificando-os como feios, bonitos, aptos ou inaptos, entre outros, que acabam por excluí-los, ou limitando sua participação no processo e suas possibilidades de crescimento e emancipação.

A inclusão de alunos é um processo lento, mas necessário, devendo ser a escola um espaço social inclusivo, que atenda às diferentes características e necessidades especiais de seu alunado.

Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008) “[...] inclusão não representa caridade ou assistencialismo, mas condições de afirmar a pluralidade, a diferença, o aprendizado com o outro, algo que todos os alunos devem ter como experiência formativa” (PARANÁ, 2008, p.61).

Para tanto, é preciso que a escola se posicione de forma diferente com relação ao processo de ensino aprendizagem flexibilizando seu currículo e lançando mão de práticas pedagógicas diferenciadas.

Entendemos, então, que através do seu Projeto Político Pedagógico, de uma proposta pedagógica mais crítica, bem como do seu sistema de avaliação, a escola deva atender às diferentes exigências do contexto social em que está inserida.

Uma escola pública de qualidade não deve ter medo das mudanças inquiridas pelos desafios do seu cotidiano o professor deve encarar de frente esses desafios.

CONHECENDO O ALUNO COM TDAH

O aluno portador do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um desafio para nossos professores. O TDAH é um distúrbio de aprendizagem responsável pelo baixo desempenho escolar fazendo com que boa parte das crianças portadoras fique para trás, no mínimo, uma série durante sua carreira escolar. Mesmo com potencial intelectual adequado, as crianças com TDAH estão fadadas ao fracasso escolar, dificuldades emocionais e linguísticas, podendo ter problemas com outros transtornos de aprendizagem.

HALLOWEL&RATEY (1999,p.201) considera que “O DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção) é um distúrbio de aprendizagem, podendo ser acompanhado de outros transtornos como dislexia ou distúrbio da memória adquirida, ou por uma dificuldade específica de aprendizagem, como a relacionada à matemática, no caso, a discalculia” (p.201).

O TDAH é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde – OMS – e classificada pelo DMS-IV como um distúrbio neurobiológico de causas genéticas, caracterizado pela tríade de sintomas persistentes de desatenção, hiperatividade e impulsividade que se manifestam em diferentes ambientes.

Responsável pela inquietude, impulsividade, falta de organização, atenção e concentração, o TDAH faz com que o aluno seja o centro da desarmonia e dos problemas de sala de aula, ao mesmo tempo em que gera comportamentos que na maioria das vezes acabam confundidos com indisciplina, rebeldia, preguiça, entre outros, terminando, muitas vezes em punições que vão desde uma conversa com a equipe pedagógica, até mesmo uma suspensão ou expulsão.

SILVA (2009,p.65) reforça dizendo:

Como consequência da hiperatividade/impulsividade, a criança faz primeiro, pensa depois. Reage irrefletidamente à maioria dos estímulos que se apresentam. Não porque seja mal-educada, imatura ou pouco dotada intelectualmente..

Esses sintomas acabam por gerar comportamentos de oposição às regras da ‘boa convivência’, neste caso, na escola e, em específico, na sala de aula. Tais comportamentos nem sempre são compreendidos e acabam contribuindo para que a relação professor/aluno/professor seja sempre tensa, conflitante e desgastante. E, se entendemos que a educação se dá num contexto de relações entre pessoas, essas relações, então, podem contribuir ou não para a qualidade do ensino. Portanto, a forma como o professor vê seu aluno acabam muitas vezes, determinando sua interação com ele, influenciando na sua autoimagem e nas representações de si próprio, de seu desempenho como estudante e de suas habilidades de aprendizagem. Desta forma quando o professor se depara com o aluno com TDAH, essa relação pode ser frustrada, provocando situações de constrangimento e humilhação, com consequências desastrosas.

Ao analisarmos nossa prática, como professor, na dinâmica do dia a dia da sala de aula, percebeu que não conseguimos cumprir o que as leis determinam. Acabamos por cometer muitas injustiças enquadrando todos os alunos como se fossem iguais, com as mesmas capacidades cognitivas, ou apenas dividindo a classe em bons e maus alunos – os fracos, os alunos limite, os que não vão além.

E, por mais que não tenhamos a intenção, passamos a fazer o processo inverso, pois acabamos por excluí-los do que chamamos ‘direito de todos à educação’.

As crianças com TDAH não se adequam aos modelos escolares. Rompendo com a harmonia da sala de aula, interferem diretamente no trabalho didático e no desempenho dos outros alunos.

GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, (1994,p.23), afirma:

Na nossa sociedade e cultura, seja bom ou ruim, certa ou errada, nós valorizamos muito as crianças que permanecem calmamente sentadas, prestam atenção, planejam e conseguem alcançar seus objetivos [...] a criança hiperativa, incapaz de satisfazer essas exigências, é uma candidata imediata a uma infinidade de problemas.

O ambiente das salas regulares com número elevado de aluno, somando à falta de capacitação dos professores, só aumenta sua dificuldade de atenção e concentração.

O TDAH é um problema real, com causas e consequências reais, sendo um dos mais importantes transtornos do desenvolvimento dentre os problemas que afetam as crianças em suas relações com o meio familiar, social e escolar.

Fica fácil, nas aulas, identificar aquela criança que não para um minuto, que não sabe esperar sua vez, dosar sua força em uma brincadeira com os colegas, ou por outro lado, fica alheia a tudo, distraída, como se não fizesse parte do contexto onde esta inserida. Devemos considerar o aluno como parte integrante de um processo na sua totalidade.

GOLDSTEIN e GOLDSTEN,(1994,p.24) entende que o TDAH não é um problema só na disciplina de Português, ou de Matemática, ou de qualquer outra disciplina em específico, mas da escola como um todo. Que não adianta trabalhar só em determinada disciplina, com práticas diferenciadas que atendam as especificidades destes alunos, é preciso não ignorá-los em sua condição com as demais áreas do saber, pois todas de uma forma ou outra estão inseridas na transmissão do conhecimento.

PROPOSTA DE TRABALHO EM ESCOLA PARA INCLUSÃO

Fica claro, então, que para acontecer à inclusão de crianças com TDAH, é necessário primeiramente preparar e qualificar os professores que, precisam, além, de conhecer sobre o assunto, saber lidar com o aluno, para, assim, melhor direcionar a prática pedagógica.

Devemos, então, direcionar nosso olhar para a escola e quais práticas pedagógicas fazem parte do seu cotidiano o que pode ser mudado e ou melhorado a fim de receber e acolher o aluno com TDAH, bem como outros alunos favorecendo assim, a inclusão.

Sabemos que o TDAH não é um desafio a ser resolvido unicamente pela escola, mas requer uma parceira efetiva, de competências, entre médicos, família e escola, mas como é na escola, em especial, com o professor, na sala de aula, que os sintomas do TDAH podem ser minimizados ou exacerbados, nos perguntamos: qual a relação: nível de formação, TDAH e o cotidiano escolar? E, se essa relação for real, então, o nível de formação do professor sobre o assunto interferirá diretamente na sua prática com tal aluno?

E, ainda, como trabalhar com esse aluno de forma a identificar e valorizar suas potencialidades para que o processo ensino aprendizagem aconteça de forma satisfatória?

GOLDSTEIN e GOLDSTEIN (1994,p.44) deixam claro que,

Quando a hiperatividade não é orientada de maneira eficaz na sala de aula, algumas crianças isolam-se e começam a ficar cada vez mais desatentas. Outras adotam um comportamento típico de oposição e desafio ou então se tornam os palhaços da sala de aula.

Tal argumento mostra a necessidade de uma qualificação que direcione a prática pedagógica do professor, evitando deixá-lo inseguro e despreparado para lidar com as diferenças.

Desta forma, é necessário munir o professor de informações, para que, entendendo o comportamento do aluno com TDAH que é gerado mais pela “[...] incompetência, inconsistência ou inabilidade, e não da desobediência” (GOLDSTEIN,1994,p. 24), assim, ele possa ter um olhar diferenciado para esse aluno, descobrindo suas potencialidades e estimulando-o para um prazeroso aprender.

Depois do professor conhecer em detalhes o comportamento do seu aluno, capacitá-los, orientando nas mudanças em sua prática pedagógica usando instrumentos diferenciados de avaliação e produzir um currículo adaptado para os alunos com TDAH.

Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Especial (2006):

[...] o desafio da participação e aprendizagem, com qualidades, dos alunos com necessidades especiais, exige da escola a prática da flexibilização curricular que se concretiza na análise de objetos propostos, na adoção de metodologias alternativas de ensino, [...] para que esses alunos exerçam o direito de aprender em igualdade de oportunidades e condições. (PARANÁ, 2006, p.09).

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada em um grupo de professores do ensino fundamental e médio, com a finalidade de comprovar a falta de conhecimento e recursos dos professores para enfrentar a inclusão na rede regular de ensino.

Inicialmente realizei uma entrevista com esses professores para descobrir seus anseios, suas frustrações por não conseguir atingir os objetivos durante as aulas, não conseguir a devida atenção e a falta de domínio de comportamento por parte dos alunos.

O resultado obtido através das entrevistas foi que boa parte destes professores desconhecem as deficiências dos alunos, principalmente o TDAH, possuem dificuldades em ministrar suas aulas, e a dificuldade em interpretar as questões das avaliações por parte dos alunos.

Entre os depoimentos dos professores selecionei alguns para prosseguir a pesquisa.

“ Não sei trabalhar com alunos que tem laudo”. “ Nunca aprendi a fazer currículo adaptado”. “ O que é uma avaliação diferenciada? Não sei fazer isso”.

De acordo com a pesquisa preparei então um curso, cujo objetivo era desenvolver estudos e reflexões sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o desafio da inclusão desses alunos. Dividi este curso em duas partes, exposição da fundamentação teórica em forma de slides, e a segunda parte em construção e confecção de avaliações diferenciadas das diversas disciplinas.

Após o curso realizamos uma mesa redonda para um feedback, os professores ficaram surpresos com as excelentes avaliações diferenciadas produzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já vimos anteriormente, pessoas com necessidades especiais têm seu direito de inclusão assegurado por lei, exigindo seu espaço participativo na sociedade, inclusive o portador do TDAH. Mas, no caso do TDAH, muitas pessoas não acreditam na sua existência, dizendo que é apenas uma invenção médica ou da indústria farmacêutica, ou ainda, uma desculpa para a falta de limites dos filhos em consequência da incompetência dos pais.

Contrários a isso, vários autores concordam que os sintomas do TDAH são formados pelo trio de base: desatenção, hiperatividade e impulsividade.

No parecer jurídico solicitado pela ABDA sobre os direitos dos portadores de TDAH (2006) encontramos:

[...] o portador de TDAH tem todo o direito à educação, como forma de exercício de sua cidadania, eis que se trata de um indivíduo como outro qualquer, e que aos olhos da lei não pode ser excluído, estando ele na rede pública de ensino ou na iniciativa privada.

Sendo responsável pelo baixo desempenho escolar, vários estudos confirmam que, é na escola que a criança hiperativa vai demonstrar as características que definem a doença, tais como: dificuldade em se concentrar, não conseguir se focar em uma coisa só, movimentar-se e falar constantemente.

WINNICK (2004) diz que, “[...] além da repetência e da desistência escolar, mais da metade das crianças com TDAH passam a apresentar problemas de conduta, problemas sociais e uso precoce de drogas” (p.149).

O mais importante ao analisarmos os sintomas do TDAH não é a forma como se manifestam, mas o contexto em que a criança está inserida, pois, a forma como o ambiente escolar, familiar e social acolhe essa criança será fundamental para catalisar seus sintomas, tornando-os mais graves do que parecem ou amenizando-os a ponto de nem serem percebidos, e a criança com TDAH poderá ter seu rendimento cognitivo e social igual ou até melhor que os colegas. Devemos conceber essas crianças como seres dotados de habilidades e potencialidades, que precisam ser consideradas e estimuladas.

Podemos observar o exemplo de sucesso de famosos com TDAH como Albert Einstein, Beethoven, Alexandre Graham Bell, Leonardo da Vinci, Salvador Dali, Michael Jordan entre outros.

Para tanto, a criança com TDAH precisa encontrar na escola um ambiente capacitado para acolher suas necessidades, uma estrutura física e pedagógica que atenda a todos, que perceba as diferenças com mais uma possibilidade e não como a marca da falta, da desvalorização e do preconceito. A sociedade de hoje não pode mais aceitar as exclusões.

Porém, entendemos que, a prática educativa não pode se limitar apenas à escola, mas à família e à sociedade como um todo. Portanto a família deve estar engajada na escola, e é tarefa da escola assumir efetivamente em parceria com os pais a função de proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos.

Este artigo contribuiu muito na criação de uma pasta de apoio com avaliações diferenciadas de todas as matérias, tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio. E fez com que os professores mostrassem mais interesse em conhecer as dificuldades dos alunos com TDAH.

REFERÊNCIAS

ABDA. **O que é TDAH**. Disponível em: (www.tdah.com.br).

_____. **Parecer Jurídico**. Disponível em: (www.tdah.com.br).

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988). **Dispõe sobre educação**. Disponível em (http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988_04.02.2010/CON1988.pdf).

DECRETO LEI nº 3298/99. **Dispõe sobre deficiência**. Disponível em: (www.mec.gov.br).

DMS-IV. **Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Disponível em: (www.tdah.com.br).

GOLDSTEIN&GOLDSTEIN. **Hiperatividade**: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

HALLOWELL,E.M.; RATEY, J. J. **Tendência à distração**: identificação e gerência do distúrbio do déficit de atenção da infância à vida adulta. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica-Educação Especial, 2006.

SILVA, A.B.B. **Mentes inquietas**: desatenção, hiperatividade e impulsividade, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

WINNICK, J.P. **Educação Especial**. Barueri: Manole, 2004.